



O universo lúdico e
inventivo de
Deneir Martins



Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular
Iphan / Ministério da Cultura

Realização

Ministério da Cultura

Ministra: Margareth Menezes

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Presidente: Leandro Antônio Grass Peixoto

Departamento de Patrimônio Imaterial

Diretor: Deyvesson Israel Alves Gusmão

Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular

Diretor: Rafael Barros Gomes

Coordenação Administrativa

Lucilene Malaquia da Silva

Coordenação Técnica de Memória, Documentação e Difusão

Raquel Dias Teixeira

Coordenação Técnica de Pesquisa e Projetos Especiais

Ana Carolina Nascimento

Museu de Folclore Edison Carneiro

Elizabeth Bittencourt Paiva Pougy

Biblioteca Amadeu Amaral

Juliana Taboada

Divisão de Arquivo

Daniel Reis

Difusão Cultural

Lucila Silva Telles

Associação Cultural de Amigos do Museu de Folclore Edison Carneiro

Presidente: Célia Corsino

Programa Sala do Artista Popular

Coordenação

Ana Carolina Nascimento

Pesquisa e texto

Túlio Lourenço do Amaral

Fotografias

Francisco Moreira da Costa

Projeto de exposição e produção

Flávia Klausing Gervásio

Luiz Carlos Ferreira

Programação visual

Aurélio Marques Fernandes | Barra Livre

Edição e revisão de textos

Lucila Silva Telles

Natália Natalino | Barra Livre

Produção audiovisual

Alexandre Coelho Neves

Montagem

Jorge Guilherme de Lima

José Marcos Macedo Tertuliano

Capa: *Suruí*, 2023

Quarta capa: *Piões*, 2023

1ª orelha: *Robô atleta*, 2024

2ª orelha: *Vibrabots*, 2015

Realização:





Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Amadeu Amaral

U58

O universo lúdico e inventivo de Deneir Martins / pesquisa e texto
Túlio Lourenço do Amaral. – Rio de Janeiro: CNFCP, 2025. –
(Sala do Artista Popular, n. 213).
32 p.

ISSN: 1414-3755

Catálogo de exposição realizada de 11 de outubro a 03 de
dezembro de 2025.

1. Artista Popular. 2. Cultura popular. I. Amaral, Túlio
Lourenço, II. Série.

CDU 7.067.26-05

Elaborado por Ana Patrícia Guimarães – CRB-7/6187

A Sala do Artista Popular, do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular/CNFCP, criada em maio de 1983, tem por objetivo constituir-se como espaço para a difusão da arte popular, trazendo ao público objetos que, por seu significado simbólico, tecnologia de confecção ou matéria-prima empregada, são testemunho do viver e fazer das camadas populares. Nela, os artistas expõem seus trabalhos, estipulando livremente o preço e explicando as técnicas envolvidas na confecção. Toda exposição é precedida de pesquisa que situa o artesão em seu meio sociocultural, mostrando as relações de sua produção com o grupo no qual se insere.

Os artistas apresentam temáticas diversas, trabalhando matérias-primas e técnicas distintas. A exposição propicia ao público não apenas a oportunidade de adquirir objetos, mas, principalmente, a de entrar em contato com realidades muitas vezes pouco familiares ou desconhecidas.

Em decorrência dessa divulgação e do contato direto com o público, criam-se oportunidades de expansão de mercado para os artistas, participando estes mais efetivamente do processo de valorização e comercialização de sua produção.

O CNFCP, além da realização da pesquisa etnográfica e de documentação fotográfica, coloca à disposição dos interessados o espaço da exposição e produz convites e catálogos, providenciando, ainda, divulgação na imprensa e pró-labore aos artistas, no caso de demonstração de técnicas e atendimento ao público.

São realizadas seis exposições por ano, cabendo a cada mostra um período de cerca de dois meses de duração.

A SAP procura também alcançar abrangência nacional, recebendo artistas das várias unidades da Federação. Nesse sentido, ciente do importante papel das entidades culturais estaduais, municipais e particulares, o CNFCP busca com elas maior integração, partilhando, em cada mostra, as tarefas necessárias a sua realização.

Uma comissão de técnicos, responsável pelo projeto, recebe e seleciona as solicitações encaminhadas à Sala do Artista Popular, por parte dos artesãos ou instituições interessadas em participar das mostras.



O universo lúdico e inventivo de **Deneir Martins**

Túlio Lourenço do Amaral

Uma breve olhada no ateliê de Deneir Martins já nos coloca diante da multiplicidade da obra e da trajetória percorrida por esse artista que, aos 71 anos, segue em plena atividade. Ali encontramos desde pinturas com temáticas políticas, bíblicas, de religiões de matriz africana, surrealistas, com cenas da vida interiorana, passando por brinquedos inventivos feitos de sucata, máquinas que fazem arte, quadros em que figuras compostas por retalhos de alumínio pregados com alfinetes são superpostas por pinturas em linhas de náilon esticadas, até seus famosos balões com bandeirinhas.

O universo artístico de Deneir foi sendo elaborado, aprimorado e diversificado ao longo dos anos, durante os quais podemos notar alguns momentos definidores de inflexões em seu trabalho que, ao se confluírem com um impulso criativo incessante e uma dedicação

paciente e meticulosa, deram florescimento a seu estilo atualmente inconfundível.

Deneir nasceu em Campos dos Goytacazes (RJ), em 1954, mas tinha poucos dias de idade quando a família se mudou para o bairro de Piabetá, pertencente ao sexto distrito do município de Magé, na Baixada Fluminense, onde vive até hoje.

Magé possui cerca de 240 mil habitantes e está localizada a aproximadamente 50 km ao norte da capital do estado do Rio de Janeiro, logo ao pé da região serrana. Deneir conta que a família “veio de Campos, que é muito pobre, para o Rio de Janeiro em busca de trabalho”. Comenta que é comum, em sua cidade natal, referir-se ao município de Magé como já pertencente – pela proximidade – à capital.



Segundo filho de cinco irmãos, Deneir relata que desde muito cedo “tinha um donzinho” para a pintura. Aos 13 anos, ganhou uma medalha em um concurso de desenho realizado nas escolas de Magé. Houve uma exposição dos trabalhos premiados nesse concurso, visitada pelo pintor Ney de Lima, que reconheceu o talento de Deneir e o atraiu para suas oficinas.

Ney de Lima, nascido em 1924, foi um destacado artista plástico carioca, de influências impressionistas e cubistas, autor de quadros que abordam temas diversos, como cultura popular, folclore, mística, erotismo, e que retratam cenas e paisagens da região. No início dos anos 1970, mudou-se para Piabetá, onde abriu um ateliê e passou o resto da vida ensinando pintura a jovens e adultos. Deneir foi um de seus primeiros aprendizes. Outros artistas atualmente conhecidos que se formaram com Ney de Lima são Fiúza, Jorge Duarte, Janete Pereira, Márcia, Lílian Verdan dos Anjos, Oséas, Dauremart, Ciro dos Santos. Ney de Lima também levava os trabalhos de seus alunos para serem expostos no Salão Nacional de Belas Artes, exposição que era realizada anualmente no Rio de Janeiro. Deneir comenta que obteve menção honrosa quando lá expôs, em 1976.



O bicho nosso de cada dia
1982

Deneir conciliava sua dedicação à pintura com os trabalhos que o sustentavam. Trabalhou como feirante junto a seu tio, em fábrica de tecidos, como operário em fábrica de cerâmica, com pintura a pistola, como *office boy*. Alguns desses trabalhos, inclusive, lhe deram conhecimentos que pôde aplicar à sua arte, mas esta, de fato, ainda não ocupava o centro de sua vida até um evento que, conforme conta, mudou sua forma de enxergar o mundo e de produzir arte, levando-o a buscar outros modos de expressão além da pintura.

Trata-se da Rio-92, ou Cúpula da Terra, Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, sediada no Rio de

Janeiro, evento que trouxe à baila, de maneira inédita no país, a pauta da degradação ambiental e da necessidade de um desenvolvimento sustentável. Deneir foi convidado a participar de uma exposição que ocorreu durante o evento; expôs chapéus sustentáveis que produziu.

O contato com as discussões que ali ocorreram e com a disseminação dessa temática no debate público levou o artista a direcionar seu trabalho para a pesquisa e a produção de obras com materiais de sucata. Passou a garimpar peças em ferros-velhos, juntá-las de maneiras imprevisíveis e, assim, dar forma a objetos únicos e de difícil classificação. A reciclagem se torna então uma constante em sua obra. “Às vezes você não a enxerga, mas se olhar direitinho percebe que tem muita reciclagem”, chama a atenção.

No mesmo ano de 1992, Deneir passou a ser animador cultural no CIEP Frei Acursio Aloisio Gonzaga Bowler, em Piabetá, cujo nome se refere a um conhecido frei do município, que fez o batismo do artista. Os CIEPs (Centros Integrados de Educação Pública), também conhecidos como Brizolões, são um projeto educacional concebido por Darcy Ribeiro e implementado inicialmente no estado do Rio de Janeiro por Leonel Brizola, na década de 1980. A proposta principal consistia em promover uma educação integral, que abarcasse todas as áreas e dimensões da formação do aluno. A animação cultural faz parte dessa proposta e visa levar membros das comunidades locais para atuar nas escolas, desenvolvendo atividades diversas com os alunos e demais crianças da comunidade.

Deneir começou então sua atuação como transmissor de seu saber para as crianças. Criou no CIEP o projeto João de Barro, que ensina cerâmica aos alunos. O artista plástico e educador Daniel Azulay conheceu seu trabalho e o convidou para participar do programa televisivo que apresentava, no qual promoveu oficinas de brinquedos. Expandiu a partir daí suas oficinas para além da escola, levando-as a inúmeras instituições e eventos.

Outro fato importante na trajetória de Deneir Martins é sua participação no coletivo Imaginário Periférico. Fundado em 2002, tinha como formação original seis artistas com forte vínculo com a Baixada Fluminense: Julio Sekiguchi, Raimundo Rodrigues, Roberto Tavares, Jorge Duarte, Ronald Duarte e o próprio Deneir. A proposta inicial do grupo consistia em potencializar a produção artística nessa região, atrair os olhares do circuito da arte para ela e ampliar o acesso do público às produções locais.

Um exemplo anterior dessa mesma orientação pôde ser visto em *Timbuca, a liberdade da arte* (SAP nº 128, 2005), exposição também realizada no âmbito do programa Sala do Artista Popular e dedicada a Alcécio de Carvalho, o Timbuca – figura fundamental para compreender uma genealogia regional marcada pela liberdade formal. Assim como Deneir, Timbuca trabalhou com materiais descartados (como chapas metálicas e restos industriais), compondo obras que escapam dos padrões da arte institucionalizada e forjam uma visão crítica, poética e enraizada na experiência popular.

Essa valorização do uso de materiais chamados de “não nobres”, ou seja, o lixo produzido pela sociedade contemporânea, atravessa a obra de Deneir e de outros artistas ligados ao coletivo. “Boa parte desse material é encontrado em aterros sanitários, terrenos baldios abandonados, entre outros, compondo objetos do cotidiano, *ready-mades* descartados, que são recolhidos nas áreas da periferia”, comenta a crítica de arte Renata Gesosimo (2014).

A primeira exposição do grupo ocorreu no Sesc de Nova Iguaçu, cidade da Baixada, e migrou para outros municípios: São João de Meriti, Nova Friburgo, bem como Madureira, bairro do subúrbio carioca. Em 2003, realizou uma grande intervenção na estação de trem Central do Brasil, “que marcou o grupo por ‘descentralizar’ as noções de centro x periferia. Representou simbolicamente a retirada do Imaginário Periférico da posição ‘periférica’ para a posição de ‘centro’ ou mesmo de um centro que emanava cultura feita na periferia ou a partir da *ideia* de periferia”, interpreta Gesosimo (2014, grifos da autora). O coletivo se expandiu, angariando ao longo dos seus mais de 20 anos de existência cerca de 400 artistas que, ao menos uma vez, participaram de suas exposições.

Também com Raimundo Rodrigues, do Imaginário Periférico, e outros colegas, Deneir desenvolveu o projeto Murais Urbanos. Com entusiasmo, relembra uma ação que fizeram dentro da escola Martin Luther King, no bairro da Praça da Bandeira, no Rio de Janeiro. “Eles queriam humanizar a escola”, comenta. “Pintamos a escola toda junto com os alunos”.

Deneir foi ampliando o alcance de seu trabalho. Vende e já expôs suas obras nas mais diversas galerias, museus e feiras de arte do Rio de Janeiro e de outros estados: Ceará, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, Distrito Federal, São Paulo, Paraná. Em 2005, no ano do Brasil na França, ministrou oficinas de arte em Paris e participou de uma exposição coletiva em Nice. Em 2019, realizou por um mês uma residência artística na cidade de Otawara, no Japão. Dela resultou a criação, com sucata local, de uma versão de seus famosos balões, que apelidou de *Balão japonês*. Também produziu uma instalação com dez paus-de-chuva – instrumentos musicais – feitos de bambu: cinco para serem movidos com as mãos e cinco que giravam com motor (Deneir utiliza motor de micro-ondas em suas peças mecânicas). Nomeou a obra *Chovendo no Japão*. Comenta que pensou: “Eu vou juntar essas duas culturas: a do bambu, de lá, com a do pau-de-chuva daqui, de origem indígena. As pessoas não conheciam pau-de-chuva; adoraram aquilo, o som que tem”.

A interatividade é uma marca constante em suas obras, mesmo naquelas em que esse traço não é evidente à primeira vista. Até mesmo os balões e quadros, que parecem estar parados, “se você assoprar neles, eles ganham uma vida, dão uma balançada” – por conta dos pequenos pedaços de alumínio pregados. “Eu não gosto muito da arte parada. Eu acho que você participa dela”, argumenta.



Balão japonês
2020

Deneir classifica os brinquedos que cria em quatro categorias: sonoros, populares, engenhocas – ou, como prefere atualmente, tecnolúdicos – e pedagógicos, atributos que podem estar juntos na mesma peça. Também nomeia muitos de “objetos úteis-inúteis”, bem como “arte vira-lata” – jogando com a expressão e com o material usado.

É enorme a variedade desses brinquedos. Há os pequenos, feitos basicamente de plástico, tampas de garrafa, fundos de garrafa PET, papelão, lápis, corda, pedaços de madeira. Com isso, ele faz peão, rói-rói, mané-gostoso, chocalho, carrinho, trenzinho. “Eu gosto de recuperar esses brinquedos do passado. Mostro para as crianças essas coisas simples, da minha época, e elas piram, porque não conhecem”.

Já com o uso de latas, metais, engrenagens, aparelhos eletrônicos, rodas, chumbo, ventiladores, motores, lâmpadas, entre outros materiais descartados, que Deneir encaixa uns nos outros, solda, corta, dobra, amarra, cola, objetos completamente novos vêm à luz. E, através deles, toda a sua criatividade, ludicidade e irreverência afloram.

Com uma colher de alumínio presa na ponta de uma pequena hélice, impulsionada por duas pilhas pequenas e amarrada a um fio de náilon, cria a *Colher voadora* para resfriar sopa. Prendendo o fio em um lugar alto e ligando a hélice, a colher passa a girar em círculos. Para guardá-la, foi produzida uma caixa de papelão em formato de embalagem de remédio, na qual se lê o nome do brinquedo, além de expressões como “brinquedo genérico”, “venda sem prescrição médica”, a composição

do brinquedo, “este brinquedo deve ser mantido ao alcance de todos”, entre outras informações.

Um cabide com rodas e um metal em formato de rosto viram um *Carbide*, junção de carro com cabide. Uma cerda de vassoura com uma chapinha de cabelo na ponta e pés metálicos formam um *Bicho esquisito*. Já o *Capacete antifascista*, que Deneir criou para levar e se proteger em manifestações, é composto por um capacete, um pedaço de moto com um apito na ponta que emite um grito de alerta, dois CDs com lâmpadas que acendem na altura dos olhos e um ventilador (para refrescar a cabeça) com antenas em cima.



Colher voadora
2009



Capacete antifascista
2020



Bicho esquisito
2014



Carbide
2016

Uma série de brinquedos tecnológicos, conforme a classificação do artista, imita animais artrópodes. Patas de arame colocadas em uma antiga máquina de cortar cabelo compõem o *Dengoso* – em referência ao mosquito da dengue. Um pequeno motor acoplado à ponta da máquina faz o brinquedo tremer e rastejar com atrito sobre o solo. Os outros brinquedos dessa série também são motorizados e realizam o mesmo movimento em superfícies. São compostos por protetores de ventilador pequeno, lâmpadas, relógios e outros aparelhos desmontados.



Dengoso
2021



Aranhas de sucata
2018



Tarântula
2005

Alguns brinquedos dessa série de animais artrópodes trazem canetas de pintar como patas e, ao se movimentarem, realizam pinturas na superfície. As canetas são acopladas ou atadas a diferentes materiais: copo, pedaços de garrafa PET, de caixa de som, de ventilador atado com tubos de plástico. Em suas oficinas e apresentações, o artista coloca uma folha de papel ou um pedaço de pano embaixo desses brinquedos, nos quais eles traçarão suas pinturas. Também expõe algumas telas pintadas pelos brinquedos.

Criou ainda duas obras de maior porte, que denominou *Máquinas de fazer arte*, cujas pinturas são realizadas em coparticipação com as pessoas. Montadas pela sobreposição de objetos diversos, como pé de cadeira, roda de bicicleta, espelho, banco e manivela, as duas obras têm, à meia altura, uma superfície circular lisa e giratória. Coloca-se um papel preso a essa superfície. Cada pessoa, então, vai jogando tinta no papel enquanto ele gira, e as pinturas vão se formando.



Máquina de fazer arte (2013) e pinturas ao fundo

Tintas, gizes de cera, pincéis, lápis de cor também são produzidos pelo artista. Ele coleciona cores da terra de sua região. Pega a terra de diversas colorações, coa e guarda em potes. Com esse material, ensina as crianças a fazer tinta, produzida colocando água na terra, decantando e misturando com cola.



Coleção de cores da terra da região

Entre as outras obras de maior porte, há o *Triciclo giramundus* e a *Bicicleta voadora*. No primeiro, um globo terrestre feito de cobre é instalado na parte da frente de um triciclo. Em vez das rodas, é o globo que gira quando o triciclo é pedalado. A *Bicicleta voadora* é igualmente conhecida como *Chuva de verão* ou *Tornocleta*, dependendo do uso. Na primeira possibilidade, é instalado um guarda-sol com fitas de seda na parte da frente da bicicleta, que também gira quando se pedala. Na segunda, Deneir acopla uma bomba aspirante de água acima do guarda-sol. Por fim, é possível colocar um torno no lugar do guarda-sol. Com metais, resina, fibra de vidro e motores, criou ainda um *Autorretrato com monociclo*, em que molda sua imagem quando jovem, pedalando esse meio de transporte.

Os quadros do artista combinam uma série de técnicas diferentes para compor obras de estilo único. Têm como suporte tanto madeira quanto alumínio. Neles é aplicada a técnica também utilizada nos balões: pregar pequenos pedaços de alumínio, de cores diferentes, formando uma imagem. Em primeiro plano, em muitos dos quadros, são esticados fios de náilon. Deneir coloca uma folha atrás dos fios com a imagem que deseja obter, pinta-os orientando-se por ela e retira a folha. O resultado é a pintura intervalada pelo espaço entre os fios e contrastada com a imagem dos pedaços de alumínio ao fundo. Dependendo da posição de onde se olha, a pintura nos fios fica mais



Deneir Martins na *Bicicleta voadora*
2002

ou menos visível – olhando pela lateral, ela praticamente se completa. Deneir comenta que há duas criações suas que considera originais, pois nunca viu nem nunca tinha visto ninguém fazendo igual: essa pintura em fios de náilon no primeiro plano dos quadros e os balões com bandeirinhas de alumínio pregadas com alfinetes.



Autorretrato com monociclo
2021



Renascer
2016

Nesses quadros, Deneir costuma desenvolver, entre outras temáticas, trabalhos de cunho político. Um deles, *Invasion*, é formado por pedacinhos escuros de alumínio compondo o mapa-múndi. Embaixo, pequenas lâmpadas redondas – que se acendem – estão dispostas de forma a escrever a palavra inglesa (em português, “invasão”). Nos fios de náilon está pintada a bandeira dos Estados Unidos. Outro quadro se chama *Luto por Marielle*, “no sentido de lutar por ela e ao mesmo tempo de estar enlutado”, comenta o artista. Os pedaços de alumínio ao fundo formam uma bandeira do Brasil preta. Nos fios de náilon está pintada, ao centro, a imagem de Marielle Franco – vereadora da cidade do Rio de Janeiro, assassinada a tiros em 2018 – com cores fortes e vibrantes, das quais irradiam faixas de cor verde e amarela.



Parque em Piabetá
1988



Vênus
1990



Garrincha
2021

Ainda com a técnica de pregar pequenos pedaços de alumínio, compôs um imenso quadro retratando Garrincha jogando pelo Botafogo. O ex-jogador é natural de Pau Grande, bairro que pertence ao mesmo distrito de Magé do qual Piabetá faz parte. Deneir não chegou a conhecer Garrincha; no entanto, é próximo de muitas pessoas que o conheceram e que contam suas histórias. A proximidade do craque, junto com uma história pessoal, fez com que o artista, segundo conta, se tornasse botafoguense. A história é o fato de que, por complicações de saúde quando nasceu, Deneir ficou dois anos internado. “O médico falou para

a minha mãe que não tinha mais jeito, que eu ia morrer. Minha mãe foi numa igreja próxima dali, levou um padre para me benzer. Médico às vezes erra; vou fazer 71 anos sexta-feira”, conta. Como o hospital em que ficou internado era no próprio bairro de Botafogo, no Rio de Janeiro, aproximou-se afetivamente do time.

Os balões com bandeirinhas são, sem dúvida, a principal produção pela qual Deneir Martins é conhecido. Sua forma e estilo são inconfundíveis.

Ele conta que sempre teve fascínio por balões de festa junina e recorda que, quando era criança, saiu correndo atrás de um que sumiu na mata dos arredores de onde morava, ficou horas procurando-o, se perdeu e só muito tempo depois sua família o encontrou.

Quando teve a ideia de começar a criar balões de madeira, pensou que, pelo fato de os balões estarem fortemente associados à festa junina, deveria fazê-los com bandeirinhas. E ainda: “Eu vou fazer isso aqui com movimento”. Então decidiu pregar as bandeirinhas de alumínio de modo que, com o vento ou sopro, farfalhassem.

O artista comenta ainda que quis fugir da forma única de balão. Afirma que aprecia as cores dos balões brasileiros, mas considera seu formato muito tradicional. Gosta de se inspirar nos balões mexicanos. Deneir passou, assim, a desenvolver formatos próprios nos balões que cria.

Em seu Ateliê Fundo de Quintal – apelido dado por seus amigos ao espaço em que o artista trabalha, nos fundos do lote onde mora – é possível acompanhá-lo realizando todas as etapas de produção de um balão. Observando-as de perto, percebe-se o nível de minúcia, paciência, detalhamento e dedicação que exige.

O trabalho começa traçando a lápis, em um papel dobrado, o formato desejado de metade do balão a partir da lateral da dobra. O contorno é recortado, o papel aberto, revelando o formato completo, com as duas metades idênticas.



Deneir coloca o papel sobre uma placa de MDF naval, material resistente à umidade, e traça o contorno sobre ela. Em seguida, corta a placa com uma serra tico-tico, seguindo o traço riscado. A partir dessa base, o balão começará a tomar forma.

Uma “costela” também é feita para dar mais firmeza aos arcos que vão compor a peça. Dobrando novamente o papel ao meio, corta mais um pedaço de MDF nesse formato. Essa parte, equivalente a uma metade do balão, será pregada bem no centro da base, perpendicularmente a ela.

De cima a baixo da base, Deneir traça, à caneta, tiras latitudinais com a largura adequada ao tamanho das bandeirinhas; essas tiras são então numeradas. Replica esse traçado na costela. Em seguida, corta, ao longo da costela, pequenos pedaços em cada tira, na largura e na profundidade dos arcos, que serão ali encaixados.



Para criar os arcos, abre um compasso na medida da metade do comprimento da tira sobre a qual será encaixado. Sobre outra placa de MDF, traça o arco. Diminui a abertura do compasso na medida correspondente ao buraco cortado na costela, em que o arco será encaixado, e traça mais meia circunferência dentro da primeira. Em seguida, corta aquele arco e o numera com o mesmo número da tira à qual corresponde. E assim fabrica os arcos, um por um, de tamanhos diferentes, referentes ao comprimento de sua tira.



Ao terminar de produzi-los, encaixa cada arco na costela do balão. Entre eles, na base, nas duas pontas, coloca ainda um pedacinho de MDF para evitar que deslizem. Toda essa técnica de criar uma costela para encaixar os arcos, Deneir desenvolveu depois que fez seu primeiro balão, pois percebeu que, pelo peso, os arcos arriavam.

Após completar essa montagem, ele sela o MDF, para não dar cupim, e pinta-o, em geral com tinta automotiva preta. Com uma fita métrica, mede a distância que cada bandeirinha terá da outra e assinala onde serão feitos os furos para pregá-las. Instala atrás da base um gancho para poder prender o balão na parede. Com ele já preso, começa a trabalhar com as bandeirinhas.

Estas são feitas de alumínio, obtido de frascos de desodorante, latas de bebida, entre outras embalagens e objetos diversos. Deneir já tem um estoque de bandeirinhas agrupadas por cores. Quando quer escurecê-las, coloca-as no fogo.



“Antigamente, cortava cada uma à mão”, comenta. Atualmente, tem uma prensa já no formato padrão de suas bandeirinhas. No entanto, quando quer fazê-las em outro tamanho, ainda as corta manualmente. Ele tem também fôrmas de ferro com outras figuras geométricas – círculo, triângulo etc. – que, para serem imprimidas em alumínio, é preciso colocar as fôrmas sobre o material e martelá-las. Deneir ainda fura, com uma furadeira mecânica, o ponto em que será pregada cada bandeirinha, triângulo, círculo ou outra figura utilizada.



Inicia então o processo de pregar, um por um, esses pedacinhos de alumínio no balão. Neste ponto, o artista tem em mente os desenhos, os traços e as cores da nova obra, e passa a selecionar as bandeirinhas e outras figuras que a irão compor, pregando cada uma em seu lugar nos arcos.



Cada balão é único, tanto no formato e no tamanho (que costuma variar em torno de um metro) quanto nos desenhos e nas cores, e recebe um nome próprio. O *Balão pêndulo* imita a forma do objeto referido no nome; o *Balão África* remete às máscaras africanas; já o *Balão foguete* se assemelha mais aos balões de festa junina. O *Balão brasileiro* traz as cores verde, amarela, azul e branca. O *Balão árabe* remete às formas arquitetônicas dessa cultura. O artista também criou

balões nomeados com os santos das festas juninas – São João, Santo Antônio e São Pedro –, feitos com as cores que lhes são associadas.



Balão bandeiras
2023

Há balões que são presos em quadros, nos quais as bandeirinhas pregadas se espraiam. Alguns têm a forma de oratório, em que o artista também lança mão do uso de fios de náilon comentado acima. Já em *Festa para Mondrian*, ele dialoga com a obra do pintor holandês, reproduzindo seus quadrados coloridos e fazendo um balão sair de dentro deles.



Festa brasileira
2018

A associação de seus balões com os famosos quadros de bandeirinhas do pintor brasileiro Alfredo Volpi é praticamente imediata. Outros trabalhos tendem a ser comparados aos *ready-mades* de Marcel Duchamp e às peças do artista plástico brasileiro Abraham Palatnik. Deneir reconhece essas semelhanças, mas nega ter sofrido uma

influência direta e consciente. “Eu gosto de tanta gente, não tenho uma influência definida. Admiro várias pessoas. No fundo, a gente não sabe qual influência acaba tendo. É uma mistura que a gente não tem muita certeza”, reflete.

Fato é que Deneir trabalha rotineiramente sem a preocupação de com qual tradição artística se alinha. Confiante em sua inventividade e em exercer a liberdade de pôr em prática as ideias que vêm à sua mente por meio de associações improváveis entre as mais diferentes peças e materiais, não hesitando em seguir intuitivamente dando vida a objetos inauditos, provocativos, engraçados, intrigantes, irreverentes, questionadores, instigantes, envolventes e muitas vezes exuberantes, esse artista compôs e vem compondo uma obra que fala por si, e que é ao mesmo tempo heterogênea e coerente.

Alguns de seus objetos recebem a designação de *úteis-inúteis*, termo que talvez contenha a chave para a compreensão de todo o seu trabalho. Coletando materiais que haviam sido produzidos com uma utilidade e um destino definidos, retirando-os da rota comercial ou do refugio a que haviam sido relegados e invertendo ou subvertendo toda a sua funcionalidade anterior para criar obras que não têm obrigação alguma de participar da lógica produtiva e utilitária em que as peças que as compõem se inseriam, Deneir Martins, de forma tanto criativa quanto metódica e detalhista, contribui para manter acesos, num mundo que pede socorro, um olhar e uma atitude de permanente encanto e entusiasmo com a vida.



*Máscara reciclada
2023*



Vibrabots
2010



Aranha
2012



Vibrabots
2012

Referências

GESOSIMO, Renata. A transição discursiva do imaginário periférico nas relações entre arte e política cultural. *Revista Arte ConTexto*, v. 1, n. 3, mar. 2014. Disponível em: http://artcontexto.com.br/artigo-edicao03_renata_gesosimo.html. Acesso em: set. 2025.

ZALUAR, Amelia. *Timbuca: a liberdade da arte*. Rio de Janeiro: Iphan; CNFCP, 2005. (Sala do Artista Popular, 128)

Contatos para comercialização

Deneir Martins
(21) 98717-6875
Instagram: @deneir.arte

Sala do Artista Popular | CNFCP
Rua do Catete, 179 (metrô Catete)
Rio de Janeiro – RJ cep 22220-000
mercado.folclore@iphan.gov.br
www.cnfcp.gov.br



RIO DE JANEIRO, 11 DE OUTUBRO A 3 DE DEZEMBRO DE 2025

MINISTÉRIO DA CULTURA | IPHAN | CENTRO NACIONAL DE FOLCLORE E CULTURA POPULAR